

Biblioteca Municipal de Elvas. Uma biblioteca na fronteira Alentejo/Extremadura

MARIA DA CONCEIÇÃO VAZ SERRA PONTES CABRITA
Universidad de Extremadura

A Biblioteca Municipal de Elvas será, sem dúvida, a de maior valor histórico e literário, de todas as que se encontram na fronteira com a Extremadura. A Biblioteca Municipal de Elvas ocupa parte do edifício que, outrora, foi o Colégio de S. Tiago fundado pela Companhia de Jesus em 1645, em consequência de doação testamentária de D. Aldonça da Mota, em 1559, mulher do fidalgo elvense Diogo de Brito¹. A sua denominação deve-se a uma ermida erigida no local da actual Igreja do Salvador, contígua ao edifício do Colégio, pelos Cavaleiros de Santiago, logo após a conquista de Elvas aos mouros, em 1228, por D. Sancho II. No edifício do Colégio sobressai o alpendre da entrada, construído em 1715 e, assente em colunas de mármore toscanas. Na cornija estão quatro coruchéus e ornatos recortados. A cobertura é de azulejo azul e branco, em xadrez, tendo como remate, no topo, um edículo facetado com volutas².

Com a expulsão dos Jesuítas de Portugal, por ordem do Marquês de Pombal, por Decreto de Governo de 3 de Setembro de 1759, os dezanove religiosos do Colégio de Elvas partiram para Itália³. Os bens foram doados à

¹ Arquivo da Biblioteca Municipal de Elvas.

² M^a. do Céu Ponce Dentinho: *Elvas*, Elvas, Câmara Municipal de Elvas, 1989, p. 102.

³ *Ibidem*, p. 71.

Universidade de Coimbra por Carta de Lei de 4 de Junho de 1774⁴, passando o Colégio a Seminário Episcopal, anos mais tarde⁵.

A vida das ordens religiosas, em Portugal, a partir da segunda metade do século XVIII, foi conturbada. Embora o Liberalismo consignasse a religião Católica como a da Nação portuguesa, os Jesuítas só regressaram em 1829 com o Miguelismo, tendo sido novamente expulsos em 1834, com a extinção das Ordens Regulares uma vez que eram conotados com o regresso ao Absolutismo⁶. No entanto, é necessário realçar que esta medida tentou pôr, apenas, em causa a instituição clerical e, não o Cristianismo de tal forma que, com o reatar de relações com a Santa Sé, em 1841, as ordens religiosas regressaram - os Jesuítas em 1848, os Franciscanos em 1860 ou os Beneditinos em 1888⁷. Com a proclamação da República, entre Outubro de 1910 e Abril de 1911 o Governo aboliu todas as referências à religião Católica na vida pública e, embora não se tratasse de laicização do Estado, este passou a administrar a Igreja destruindo-lhe a hierarquia e privando-a de meios de subsistência, tentando assim, evitar que se criasse um Estado dentro do Estado⁸. A Companhia de Jesus foi expulsa em 1910 só regressando com o Estado Novo⁹.

A Biblioteca Municipal de Elvas surgiu a partir da ideia do escrivão da Fazenda, natural de Fronteira, João Ferreira Alves. A inauguração e abertura realizaram-se na data comemorativa do tricentenário da morte de Camões - 10 de Junho de 1880- apesar da sua criação jurídica ter sido efectuada em sessão camarária apenas a 31 de Outubro¹⁰.

Os fundos documentais são básica e essencialmente constituídos por obras alvo de doações particulares e por dezenas de milhar de documentos que constituem o Arquivo, no qual abundam os de carácter administrativo, esfragístico e testamentário com grande quantidade de pergaminhos. Não

⁴ Arquivo da Biblioteca Municipal de Elvas.

⁵ M^a. do Céu Ponce Dentinho: *Op. cit.*, p. 146.

⁶ Isabel Nobre Vargues e M^a. Manuela Tavares Ribeiro: “Ideologias e práticas políticas”, in José Mattoso, *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda. e Autores, 1993, Vol. 5, p. 225.

⁷ *Ibidem*.

⁸ José Mattoso: “A cultura republicana”, in José Mattoso, *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda. e Autores, 1994, Vol. 6, pp. 407, 408.

⁹ *Ibidem*, p. 411.

¹⁰ Acta de reunião da C.M.E., 31/10/1880, Arquivo da Biblioteca Municipal de Elvas.

podemos deixar de mencionar a documentação diocesana nem os vinte e um incunábulos dos quais destacamos pela beleza das ilustrações, o volume *Liber Medicinalis* de Quinto Sereno Sammónico, médico do Imperador Sétimo Severo, século III d.C., impresso em Veneza a 25 de Outubro de 1488. Referimos, ainda que de uma forma muito genérica, os manuscritos e outros documentos que a Biblioteca Municipal de Elvas possui e que são de interesse local e regional, como documentos eclesiásticos, documentos referentes às invasões francesas, correspondência vária e inventários. Os autógrafos constituem uma estimada colecção repleta de muitas e valiosas informações sobre bibliografia, literatura, arqueologia, etnografia, entre outras. Alguns são assinados por autores como Teófilo Braga, Oliveira Martins, José Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Sousa Viterbo, Raul Proença, Trindade Coelho, Émile Zola, António Sardinha, Conde de Sabugosa e, muitos outros que seria fastidioso enumerar. Outros são nomes de eméritos trabalhadores das letras, que por sistema ou por temperamento, não atingiram a notoriedade e, outros ainda são oriundos de pessoas de boa categoria intelectual, interessadas por assuntos de investigação cultural. Quem visita a Biblioteca Municipal de Elvas e se interessa pela história local e respectivas repercussões na história nacional, pela terra e gente alentejanas com os seus usos, costumes e tradições, não pode, certamente, deixar de ter como referência o Cônego doutoral, Vigário Geral da antiga Sé de Elvas¹¹, Aires Varela¹² do qual se desconhece a verdadeira naturalidade e, data de nascimento embora, se julgue que nasceu em Elvas, onde faleceu a 8 de Outubro de 1655. As suas obras, apesar de terem ficado na sua maior parte inéditas, granjearam-lhe grande reputação. Dele falam elogiosamente D. Francisco Manuel de Melo, Diogo Barbosa Machado, J. C. de Figanière e muitos outros. Das suas obras impressas fazem parte: *Sucessos que houve nas fronteiras de Elvas, Olivença, Campo Maior e Ouguela no primeiro ano da Recuperação de Portugal que começou em 1 de Dezembro de 1640 e Fez Fim em Último de Novembro de 1641*, Lisboa, 1642, reimpressa em Elvas em 1861; *Genealogia de todas as Famílias do Bispado de Elvas; Teatro das Antiguidades de Elvas com a História da mesma cidade e Descrição das Terras da sua Comarca*. A esta obra refere-se D. Francisco Manuel de

¹¹ A bula de Leão XIII de 30 de Setembro de 1881 extinguiu o Bispado de Elvas.
Cfr. M^o do Céu Ponce Dentinho, *op. cit.* p. 74.

¹² Eurico Gama: *O Cônego Aires Varela Precursor da Historiografia Elvense*, Braga, separata de *A Historiografia Portuguesa anterior a Herculano*, Braga, Tip. Barbosa & Xavier, 1977, pp. 143-145, 176.

Melo nas suas *Cartas Familiares*, publicadas em Roma em 1664. Outra personalidade que merece ser tida em conta é o oficial do exército e erudito Vitorino de Sant'Ana Pereira de Almada¹³ (Elvas, 1845-1899) que se dedicou a coligir documentação histórica, a maior parte da qual não chegou a editar e, que fez persistentes estudos históricos e arqueológicos sobre Elvas. De 1888 a 1895 publicou parte da obra *Elementos para um Dicionário de Geografia e História portuguesa*¹⁴ a qual trata de factos atinentes ao concelho de Elvas e aos extintos concelhos de Barbacena, Vila Boim e Vila Fernando. Escreveu ainda: *O manuscrito de Afonso da Gama Palha sobre a guerra da sucessão em Espanha*, Elvas, 1876; *Francisco de Paula Santa Clara-estudo biográfico*, Elvas, 1888; *Os quartéis-mestres*, Elvas, 1890. Foi ainda, redactor principal do jornal *O Elvense* fundado em 1880 e, colaborou em numerosos periódicos. Mencionamos também António Thomaz Pires¹⁵ (Elvas, 1850-1913), Secretário da Câmara Municipal de Elvas, que foi um notável estudioso da história e da etnografia de Elvas e, do Alto Alentejo em geral. Colaborou com Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, entre outros. As suas investigações foram publicadas em jornais e revistas regionais como -*O Elvense*, *O Progresso d'Elvas*, *Correio Elvense*, *O Boémio*, *A Pérola*, *O Liberal*- como de outras localidades e até de circulação nacional- *Gazeta de Portugal*, *Boletim da Sociedade de Geografia*, *O Arqueólogo Português*, *A Tradição*. Da sua incansável pesquisa das riquezas folclóricas de Elvas e da sua região -canções, rimas populares, adivinhas, adágios, rifões e anexins, romances e orações, contos¹⁶ e jogos, destacamos: *Estudos e Notas Elvenses; Cantos Populares Portugueses; Cancioneiro Popular Político*. Era o “Antoninho das cantigas” no dizer da gente simples que “recolheu o dom

¹³ M^o. do Céu Ponce Dentinho: *Op. cit.*, p. 142.

¹⁴ Catalogado de A a Z, estão publicados dois volumes que correspondem à letra A e uma pequena parte, incompleta, que pertence à letra B. A Biblioteca Municipal de Elvas guarda toda a obra manuscrita em verbetes mínimos.

¹⁵ António Ventura: “Correspondência de António Sardinha para o editor elvense António José Torres de Carvalho (1902-1916)”, in *A Cidade-revista cultural de Portalegre*, nº2-Especial (Nova Série), Portalegre, Julho/Dezembro 1988, pp. 175-202 na p. 196.

¹⁶ António Thomaz Pires: *Contos Populares Alentejanos recolhidos da Tradição Oral*, edição crítica e introdução de Mário F. Lages, Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa-Universidade Católica Portuguesa, 1992, (1^a edição); *Idem, Contos Populares Alentejanos recolhidos da tradição Oral*, edição crítica e introdução de Mário F. Lages, Lisboa, C.E.P.C.E.P.-U.C.P., 2004, (2^a edição aumentada).

Os Contos estão coligidos nestas duas colectâneas, que são produto de recolha em periódicos e revistas, não havendo até estas datas, uma edição integral numa mesma publicação.

que deixa ouvir o silêncio, que na alma impalpável, esfrangalhada, dos Sítios e das Ruínas, decifra os letrados que ensinam a contemplar no que a nós nos parece transitório, o que, em essência, é eterno”¹⁷. Gostáramos, ainda que de uma forma muito sucinta, referir Eurico Gama (Elvas, 1913-1977) bibliófilo, editor, membro da Sociedade de Geografia de Lisboa e, da Academia Portuguesa de História. Colaborou em diversos jornais e revistas. Entre 1963 e 1969 foi director da Biblioteca Municipal de Elvas. Dirigiu e editou a colecção de estudos elvenses *À Sombra do Aqueduto*. Doou o seu espólio particular, de cerca de seis mil volumes, à Biblioteca Municipal.

Um dos núcleos mais importantes da Biblioteca Municipal de Elvas, que faz parte do fundo antigo é, indubitavelmente, a Biblioteca Pública Hortênsia¹⁸ na Sala António José Torres de Carvalho¹⁹ desenhada pelo arqui-

¹⁷ António Sardinha: *De Vita et Moribus – Casos & Almas* - Lisboa, Livraria Ferin Editora, 1931, p. 148.

¹⁸ Púbia Hortênsia de Castro, nasceu em Vila Viçosa, em 1548. Seu pai, Tomás de Castro, era um parente muito chegado do Arcebispo de Évora, D. João de Melo. Desejosa de continuar os seus estudos mas, como o sexo constituía um problema, não hesitou em envergar trajes de homem para estudar, Humanidades, na Universidade de Coimbra juntamente com seu irmão Jerónimo de Castro. Instruída para além do comum, em estudos aristotélicos, defendeu “conclusões públicas”, em Évora, com apenas dezassete anos para grande admiração de todos os presentes como evidencia André de Resende na sua carta *Bartholomeu Fria Albernatio*, um afamado jurista espanhol. Sustentou, também, em Elvas, “conclusões”, em matéria teológica, tendo por ouvinte Filipe II de Espanha que, demonstrando o seu apreço, lhe atribuiu uma tença de 20 mil réis. Esteve como “moça de câmara” no palácio de D. Maria, filha de D. Manuel, conquistou a admiração do Cardeal D. Henrique e do Duque de Bragança, D. João. Faleceu em 1595. Está sepultada no Convento dos Religiosos Agostinhos em Évora, hoje a Igreja da Graça. Púbia Hortênsia de Castro compôs *Poesias Várias*, em latim e em português, *Cartas latinas e Portuguesas*, diálogos sobre teologia e filosofia a que deu o nome de *Flosculos Theologicalis* e, por ordem da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte, quando o filho do mesmo nome, Duarte, partiu para a guerra de África na companhia de D. Sebastião em 1574, *Salmos pela vitória e felicidade do Senhor D. Duarte e declaração dos ditos salmos*.

Cfr: Diogo Barbosa Machado: *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1752, Tomo III, pp. 629, 630.

¹⁹ António José Torres de Carvalho (Elvas, 1865-1940), bibliófilo e editor, frequentou o Liceu de Portalegre e o 1º ano de Direito na Universidade de Coimbra. A sua predilecção literária, fê-lo dedicar-se ao jornalismo. Colaborou no periódico *O Ateneu* em Coimbra e em Elvas, publicou o jornal *Correio Elvense*. Com a ajuda de seu pai, fundou a Tipographia Progresso (1889) que lhe pertenceu até 1920. A livraria do Dr. Santa Clara, com 12.000 espécies bibliográficas adquiriu-a a um dos seus herdeiros, o seu primo Jerónimo Barbas e, que, posteriormente doou à Biblioteca Municipal de Elvas a 25 de Janeiro de 1935. Torres de Carvalho foi ainda director da Biblioteca Municipal durante 27 anos (1913 a 1940).

Cfr: Arquivo da Biblioteca Municipal de Elvas.

tecto Balmaceda Aires, cuja estanteria, galeria e móveis, são construídos em macacaúba, madeira exótica do Brasil. Esta designação foi-lhe atribuída por Francisco de Paula Santa Clara²⁰ em virtude de Públia Hortênsia de Castro ter defendido “teses” na casa que foi sua residência, na presença de Filipe II de Espanha, que aí residiu, mais de três meses, antes de ser reconhecido como rei de Portugal nas Cortes de Tomar de 1581²¹.

Debruçar-nos-emos, agora, sobre algumas obras, da Biblioteca Públia Hortênsia, que nos parecem relevantes para um melhor conhecimento da História e Literatura Portuguesas:

O *Cancioneiro da Biblioteca Públia Hortênsia*²² foi descoberto em 1928 pelo Tenente e músico Manuel Joaquim (1894-1986) e publicado em 1940 com o apoio do Instituto da Alta Cultura. Data do terceiro quartel do século XVI. A língua dominante é o castelhano, havendo apenas dezanove composições em português. Apresenta vestígios de uma encadernação setecentista tendo sido reencadernado em 1965. Compõe-se de duas partes: A primeira inclui sessenta e cinco canções polifónicas profanas com transcrição da letra e da música distribuídas por quatro colecções, duas delas constituídas por

²⁰ Francisco de Paula de Abreu Santa Clara (Elvas, 1836-1902), bibliófilo e latinista, formou uma das melhores bibliotecas particulares, notável pelas suas raridades, como incunábulo, crónicas monásticas, crónicas do início da nacionalidade, para além de outras preciosidades. Deixou-nos, ainda, vários trabalhos da sua autoria como diversas anotações ao *Hyssope*, e, entre outras, as obras: *Ode Saphica*, Coimbra, Tip. Académica, 1857; *Ensaio Poético-Latino*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1860; *Metri Asclepiadei specimen auditoribus, latinae consuetudinis adsequendae cupidus*, Coimbra, Tip. Literária, 1870; *Imitação do Episódio do Canto Terceiro dos Lusíadas, Immortal Poema de Luiz de Camões, em Versos Latinos*, Tip. Literária, 1875; *Imitação das Estâncias 118 e 119 do Livro terceiro dos Lusíadas, Immortal Poema de Luiz de Camões, em Versos Latinos*, Tip. Literária, 1876; *Índice dos Chantres da Sé d'Elvas*, Tip. Elvense de Samuel F. Baptista, 1887; *Camoneana: Carta do Doctor Francisco de Paula Santa Clara ao Doctor Pereira Caldas sobre a Versão dum Soneto de Camões*, Elvas, Tip. Progresso, 1904; *O Deado da Sé d'Elvas*, Elvas, Tip. Progresso, 1905; *Elvas Antiga. Albergaria. Cosmander*, Elvas, Tip. Progresso, 1909.

Cfr: Armando de Sacadura Falcão: “Lemos e Silva Santa Clara Barbas de Lisboa, Castelo de Vide e Elvas”, in *Raizes e Memórias*, nº 17, Lisboa, Associação Portuguesa de Genealogia, Novembro 2001, p. 92; Arquivo bibliográfico da Biblioteca Municipal de Elvas.

²¹ António Francisco Barata: *A Monja de Cister, Chronica Eborensis*, s/d., p. 257.

²² *Cancioneiro da Biblioteca Públia Hortênsia de Elvas*, estudo introdutório de Manuel Pedro Ferreira, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1989, (edição fac-similada), pp. V-VIII.

peças de repertório ibérico de cerca de 1500, uma de peças portuguesas, provavelmente da primeira metade do século XVI e um grupo de composições de influência italiana, de origem portuguesa, do terceiro quartel do século XVI. A segunda parte contém o texto de quinze romances, sete glosas e catorze vilancetes e cantigas que parece ter sido constituída pela junção de uma colecção de romances previamente ordenada e numerada, várias glosas de proveniência diversa e, três grupos de peças classificadas, sem qualquer rigor, como vilancetes ou como cantigas. As composições em português formam um grupo coerente. Os autores são: Garcí Sanchez de Badajoz, Salazar, el Hermiteño, Comendador Escrivá, D. Afonso de Menezes, Juan del Encina, D. Manuel de Portugal e Pêro Andrade de Caminha. A atribuição da autoria é feita com base em composições líricas já citadas ou transcritas noutras fontes²³. Da mesma maneira, é atribuída a autoria da música a Pedro Escobar, Juan del Encina e Pedro de Pastrana.

O *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*²⁴ é uma colectânea quincentista de informações de carácter económico, geográfico, político, religioso que refere a Índia, o Japão, Ceilão, China, Síria, Pérsia, Mesopotâmia e outros locais considerados como fontes de matérias-primas ou objectivos de empresas militares. O códice foi redigido em Goa. A sua encadernação é pobre: Uma folha grande de pergaminho, arrancada, sem dúvida, a um missal do qual ainda restam pautas, notas musicais e versículos a castanho, com capitais a verde. A caligrafia é cursiva de meados do século XVI.

Não existem referências deste manuscrito em dicionários bibliográficos nem em diversos catálogos consultados. É impossível dizer qual foi o seu destino durante centenas de anos. Pertenceu a António Thomaz Pires tendo-lhe sido oferecido, em 1901, por Francisco de Paula Santa Clara. Supõe-se que tenha pertencido à Cartuxa de Évora pois, a primeira folha tem a cota Cax.78 e a última Cax.93. Os frades da Cartuxa de Évora usavam catalogação idêntica. Este manuscrito não contém uma “Tavoa” ou “Tavoadá” mas, o texto está dividido em vinte e cinco capítulos.

²³ Manuel Joaquim: *O Cancioneiro Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortênsia*, Coimbra, 1940, pp. 104-150.

²⁴ *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, edição crítica do códice quincentista 5/381 da Biblioteca Municipal de Elvas, com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado, separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, Lda., 1957, *passim*.

Para estabelecermos, com a exactidão possível, a data do manuscrito, observamos que das várias passagens se infere a data de 1548. Outro facto que corrobora esta data, é a menção de quase todos os vice-reis e organizadores da Índia até esse ano, principalmente nas duas décadas anteriores. Assim, depois de se haverem referido os nomes de Afonso de Albuquerque (1509-1515), Lopo Soares de Albergaria (1515-1518) e Diogo Lopes de Sequeira (1518-1522), surge um breve espaço de sete anos e, menciona-se Nuno da Cunha (1529-1538), Garcia de Noronha (1538-1540), Estêvão da Gama (1540-1542), Martim Afonso de Sousa (1542-1545) e D. João de Castro (1545-1548).

A série de governadores referidos detém-se em 1548, ano em que toma posse Garcia de Sá, que se pensa terá sido o organizador deste volume, que é uma compilação de informações atribuídas directamente a treze autores por detrás dos quais teria existido um organizador, pessoa de elevada posição social e de grande influência na economia e política ultramarinas. Foi um dos pilares da expansão portuguesa no Oriente, tendo integrado no território de Goa as províncias de Baldez e Salsete e, fez vir àquela localidade o Rei de Tanor que se converteu ao cristianismo e, portanto, seria normal desejar obter pormenores seguros sobre determinados aspectos da vida dos países asiáticos²⁵. Tinha muito interesse por navios, estaleiros e armazéns de material náutico bem como por assuntos religiosos. É-nos relatado o bom acolhimento dispensado aos Jesuítas, nomeadamente a S. Francisco Xavier (1506-1552) com quem manteve estreitas relações. O Capítulo XVII foi redigido pelo Apóstolo das Índias com base nas informações do Samurai Anjiro, convertido ao Cristianismo pelo Santo Jesuíta e que adoptou o nome cristão de Paulo de Santa Fé -nome do Colégio da Companhia de Jesus em Goa, fornecendo assim, uma informação indirecta pois, S. Francisco Xavier só atinge o porto de Kagoshima, ilha de Kiu-Siu, no Japão em 1549²⁶.

²⁵ Kirti Chaudhuri: "O estabelecimento no Oriente", in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, *História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda. e Autores, 1998, Vol. 1, pp. 163-191 na p. 179.

²⁶ *Ibidem*, pp. 183, 184; Otto Zierer: *História do Japão*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda. e Autores, 1980, pp. 54, 55.

*Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*²⁷ de Garcia da Orta, publicado em Goa em 1563, data da primeira edição, contém a ode, à laia de prefácio, com a qual Luís de Camões exalta o valor do autor, perante o vice-rei D. Francisco de Sousa Coutinho. É, em forma de diálogo, que nos expõe o que viu e o que aprendeu naquelas paragens do Oriente.

Garcia da Orta, de ascendência judaica, natural de Castelo de Vide ou de Elvas, nasceu nos começos do século XVI, talvez em 1505. Estudou na Universidade de Salamanca e de Alcalá, tendo como condiscípulo André de Resende. Em 1523, já como médico, regressa a Castelo de Vide onde exerce medicina. Passados alguns anos, ao querer entrar para o professorado na Universidade, vai para Lisboa, onde convive com o matemático Pedro Nunes e o polígrafo Pedro Margalho. Em 1534, D. João III escolheu-o para médico da Real Câmara e, foi na Corte que conheceu Martim Afonso de Sousa que o induziu, com facilidade, talvez devido à pressão que se ia fazendo sentir sobre os cristãos-novos, a embarcar com ele para o Oriente, onde ia exercer o cargo de Capitão-Mor do mar da Índia. Assim, fixando-se em Goa, Garcia da Orta passou a acompanhar Martim Afonso de Sousa em todas as suas campanhas militares. Nesta situação privilegiada, teve o ensejo de conhecer os produtos naturais do Oriente, vegetais e minerais que afluíam tanto a Goa, como a Diu, como a Ceilão.

Martim Afonso de Sousa deixou-lhe por aforamento o usufruto da ilha de Bombaim ainda enquanto governador, de 1542 a 1545 e, é nesse pequeno paraíso de esplendorosa vegetação tropical, que faz da sua ilha aforada, um verdadeiro horto-jardim experimental, viveiro de plantas medicinais e outras espécies. Amigo íntimo de Luís de Camões era com ele que discorria sobre os seus estudos acerca da flora oriental.

O livro de Garcia da Orta era de considerável valor científico para a época e, para além de tratar das plantas aplicáveis à Medicina e Farmacologia, observamos que ele não é o simples prático que escreve aquilo que vê. O seu mundo de conhecimentos clássicos permitiu-lhe avançar na descrição com comparações e rectificações claras e precisas e também, mercê da sua formação,

²⁷ Hernâni Cidade e Carlos Selvagem: "Garcia da Orta", in *Cultura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias, 1971, Vol. 5, pp. 56-61.

os embates entre o saber do humanismo científico e o da experimentação tornam-se flagrantes e, assumem traços definitórios muito concretos.

Bibliotheca Lusitana de Diogo Barbosa Machado²⁸, constitui a primeira bibliografia de autores de língua portuguesa editada em Portugal. Contém dados biográficos e bibliográficos de escritores dos mais diversos campos de saber nascidos quer em Portugal quer nas antigas colónias. Inclui, igualmente, referências a obras editadas e também manuscritas, muitas das quais desapareceram. Constitui uma fonte de pesquisa importante no campo da Literatura e das várias artes e ciências dos séculos XVI, XVII e XVIII. Compõe-se de quatro tomos publicados em Lisboa. O tomo I, de 1741, tem o título seguinte: *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Critica, e Cronológica na qual se comprehende a noticia dos Autores Portuguezes, e das suas obras, que compuzeraõ, desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo presente, oferecida à Augusta Magestade de D. João V, nosso senhor*. Contém o retrato do autor, prólogo, licenças e elogios. Inclui as letras A a E; o tomo II,

²⁸ Diogo Barbosa Machado (1682-1772) foi presbítero secular, abade de Sever, no concelho de Sta. Marta de Penaguião, bispado do Porto. Foi escritor e bibliófilo. Estudou com os Padres da Congregação do Oratório e, em 1708, matriculou-se na Universidade de Coimbra, na faculdade de Direito Canónico. Porém, devido a doença grave não prosseguiu. Depois de obter um benefício simples na Igreja de Sta. Cruz de Alvarenga, do bispado de Lamego, concedido pelo Bispo daquela diocese, D. Nuno Álvares Pereira de Melo, recebeu ordens de presbítero a 2 de Junho de 1724, conferidas pelo Bispo de Tagaste, D. Manuel da Silva Francês. A 4 de Novembro de 1728 foi nomeado abade da Igreja de Sto. Adrião de Sever pelo Marquês de Abrantes. Quando foi fundada a Academia Real de História fez parte dos primeiros cinquenta sócios e, como tal, escreveu as *Memórias do reinado de D. Sebastião, D. Henrique, Filipe I, Filipe II e Filipe III*, três volumes *in folio*. À custa de muitas despesas e sacrifícios conseguiu reunir uma copiosa e selecta biblioteca de alguns milhares de volumes, onde se encontravam os livros mais raros, pertencentes à História de Portugal e grande quantidade de opúsculos avulsos coligidos em mais de cem tomos de fólio pequeno. Havia ainda, dois tomos de formato máximo, contendo 690 retratos de reis, príncipes e infantes de Portugal, quatro tomos contendo 1.380 retratos de portugueses célebres e mais um tomo exclusivamente formado por cartas e mapas geográficos de Portugal e suas conquistas. Tudo foi oferecido ao rei D. José I que depositou estas obras no paço para compensar a perda da antiga biblioteca régia destruída pelo terramoto de 1755. Mais tarde, em 1807, foram transportadas para o Brasil, por ocasião da fuga da família real, constituindo hoje, a maior parte do fundo primitivo da biblioteca pública do Rio de Janeiro.

Cfr: Diogo Barbosa Machado: *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1741, Tomo I, p. 634; *Idem, Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1758, Tomo IV, p. 95; Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal – Dicionário Histórico, Geográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Lisboa, João Romano Torres, 1906, Vol. II, pp. 107-108.

de 1747 tem igual título, sendo *oferecido ao Exm^o. e Revm^o. Sr. D. José Maria da Fonseca e Évora, Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade*, compreende as letras F a I; o tomo III, de 1752 contém as letras L a Z e, o tomo IV, de 1758, inclui adições, ilustrações, emendas aos três primeiros e os índices gerais de todos²⁹.

Importa ainda mencionar o poema herói-cómico, *O Hissope*, de António Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Municipal de Elvas, explicitamente inspirado no poema *Le Lutrin* de Boileau. Narra o ridículo mal-entendido protocolar entre o Bispo de Elvas, D. Lourenço de Lencastre e o Deão, José Carlos de Lara que tinha por hábito fazer-lhe a entrega do Hissope, à porta da Casa do Cabido todas as vezes que o Bispo ia exercer as suas funções na Sé. A sua comicidade provém do desequilíbrio entre a mesquinhez do assunto e a grandiosidade do estilo no qual há um tom marcadamente épico, tendo *Os Lusíadas* como referente das marcas intertextuais. O poema faz uma crítica aos valores feudais, à mentalidade escolástica, à poesia gongórica, ao fausto da aristocracia ou aos abusos praticados pelas altas esferas da Igreja. *O Hissope* foi editado pela primeira vez em 1802. A Biblioteca Municipal de Elvas detém várias edições, sendo a mais antiga de 1817, impressa em Paris.

António Dinis da Cruz e Silva³⁰ formou-se em leis na Universidade de Coimbra. Foi juiz de fora em Castelo de Vide (1759) e juiz auditor militar em Elvas (1764). Aqui encontrou, no ambiente eclesiástico, o episódio e as personagens de que tanto riu e fez rir a tertúlia, da qual fazia parte, no Sótão do Falcato.

Em 1756, fundou com Esteves Negrão e Gomes de Carvalho, aos quais se juntou mais tarde Correia Garção, a Arcádia Lusitana ou Ulissiponense na qual tomou o pseudónimo de Elpino Nonacriense. O espírito arcádico, pretendia combater o Barroco e orientar a produção poética para uma estética neoclássica fundada na razão e no culto do natural³¹.

Para terminar e, pelas óbvias razões de espaço e de objectivos -contribuir, ainda que de uma forma ínfima, para um melhor conhecimento do espólio

²⁹ Cfr: Arquivo bibliográfico da Biblioteca Municipal de Elvas.

³⁰ Hernâni Cidade e Carlos Selvagem: *Op. cit.*, 1973, Vol. 11, pp. 80-90.

³¹ António José Saraiva e Óscar Lopes: *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2000, (17ª Edição), pp. 596, 600-602.

da Biblioteca Municipal de Elvas- não gostaríamos de deixar de referir a importante colecção de jornais locais e regionais, de finais do século XIX e inícios do século XX, o mais antigo é de 1860, que indubitavelmente contribuem para um melhor conhecimento da cidade, da região e do país, na intersecção com o momento histórico, político e cultural.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Revistas e Publicações Periódicas:

A cidade-Revista cultural de Portalegre, nº 2-especial (nova série), Portalegre, Julho/Dezembro, 1988.

CALADO, Adelino de Almeida: *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, Lda., 1957, (edição crítica).

GAMA, Eurico: *O Cónego Aires Varela, Precursor da Historiografia Elvense*, separata de *A Historiografia Portuguesa anterior a Herculano*, Braga, Tip. Barbosa & Xavier, 1977.

Raízes e Memórias, nº 17, Lisboa, Associação Portuguesa de Genealogia, Novembro, 2001.

Documentos:

Acta de reunião da Câmara Municipal de Elvas, 31/10/1880.

Documentação relativa ao Colégio de Santiago. Masso nº 143.

BIBLIOGRAFIA

BARATA, António Francisco, *A Monja de Cister, Chronica Eborensis*, s/d.

BETHENCOURT, Kirti Chaudhuri e Francisco, *História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda., e Autores, 1998, Vol. I.

CIDADE, Carlos Selvagem e Hernâni, *Cultura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias, 1971, Vol 5.

—*Idem*, *Cultura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias, 1973, Vol. 11.

—*Cancioneiro da Biblioteca Pública Hortência de Elvas*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1989, (edição fac-similada).

- DENTINHO, Maria do Céu Ponce: *Elvas*, Elvas, Câmara Municipal de Elvas, 1989.
- JOAQUIM, Manuel: *O Cancioneiro Musical e Poético da Biblioteca Pública Hortênsia*, Coimbra, 1940.
- MACHADO, Diogo Barbosa: *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1741, Tomo I.
- *Idem*, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1752, Tomo III.
- *Idem*, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1758, Tomo IV.
- MATTOSO, José: *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda., e Autores, 1993, Vol. 5.
- *Idem*, *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda., e Autores, 1994, Vol. 6.
- RODRIGUES, Esteves Pereira e Guilherme: *Portugal-Dicionário Histórico, Geográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Lisboa, João Romano Torres, 1906, Vol. II.
- SARAIVA, Óscar Lopes e António José: *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2000, (17ª edição).
- SARDINHA, António: *De Vita et Moribus- Casos & Almas*, Lisboa, Livraria Ferin Editora, 1931.
- ZIERER, Otto: *História do Japão*, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda., e Autores, 1980.